

Bolsonaro veta projeto que previa prioridade a mulher chefe de família no pagamento do auxílio emergencial

Presidente argumentou que projeto não apresenta impacto orçamentário e financeiro, o que, segundo ele, viola a Constituição

[\(G1 | 29/07/2020\)](#)

O presidente [Jair Bolsonaro](#) vetou integralmente o projeto de lei que [previa a prioridade a mulher chefe de família no pagamento do auxílio emergencial](#). O projeto também estendia a pais solteiros a possibilidade de receberem duas cotas do auxílio em três prestações. O veto foi publicado na edição do “Diário Oficial da União” (DOU), que saiu na madrugada desta quarta-feira (29).

Para justificar o veto, o presidente argumentou que o projeto não apresenta impacto orçamentário e financeiro, o que, segundo ele, viola a Constituição. “Ademais, o projeto se torna inviável ante a inexistência nas ferramentas e instrumentos de processamento de dados, que geram a folha de pagamento do auxílio emergencial, de dados relacionados a quem possui efetivamente a guarda da criança”.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Número de famílias chefiadas

por mulheres mais que dobra no país

Entre 2001 e 2015, contingente saltou de 14 milhões para quase 30 milhões

[\(O Globo, 06/03/2018 - acesse no site de origem\)](#)

O número de famílias chefiadas por mulheres mais que dobrou em uma década e meia. De acordo com estudo elaborado pelos demógrafos Suzana Cavenaghi e José Eustáquio Diniz Alves, coordenado pela Escola Nacional de Seguros, o contingente de lares em que elas tomam as principais decisões saltou de 14,1 milhões, em 2001, para 28,9 milhões, em 2015 — avanço de 105%. Segundo os pesquisadores, os dados indicam melhora nas relações de gênero, embora ainda existam desafios importantes a serem vencidos, como uma divisão mais justa dos afazeres domésticos, um importante fator para garantir igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, por exemplo.

Os dados são baseados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE. O conceito de chefia usado é o que o instituto oficial chama de pessoa de referência: o integrante da família considerado responsável por aquela casa. O levantamento reflete mais a divisão entre homens e mulheres porque, apesar de o IBGE estimar o número de casais do mesmo sexo, o contingente de aproximadamente 60 mil pessoas não influencia o resultado. A chefia compartilhada, em que o casal divide igualmente as responsabilidades, também não foi calculada porque toda pesquisa domiciliar, necessariamente, aponta uma pessoa de referência na família pesquisada — mesmo que as tarefas sejam divididas igualmente.

No passado, o índice de lares comandados por mulheres crescia mais influenciado pelo avanço de famílias de uma pessoa só, com ou sem filhos. Em uma sociedade ainda patriarcal, esse cenário muitas vezes era ligado à vulnerabilidade social: a mulher que foi abandonada pelo marido, muitas vezes com filhos. Mas o novo levantamento mostra um novo quadro. Embora a maior parte das chefes de família sejam aquelas que vivem sozinhas com seus filhos (um contingente de 11,6 milhões de pessoas), a principal novidade

do estudo foi o aumento expressivo do comando feminino em famílias onde há um cônjuge. Entre os casais com filhos, o número de mulheres chefes passou de 1 milhão, em 2001, para 6,8 milhões, em 2015, alta de 551%. Já no caso dos casais sem filhos, o crescimento foi ainda maior, de 339 mil para 3,1 milhões, salto de 822%.

O demógrafo José Eustáquio, um dos autores, explica que essa é uma mudança importante no padrão dos arranjos familiares brasileiros. Em vez de mulheres serem chefes por necessidade, passam a ser mais reconhecidas dentro de seus lares como pessoas de referência.

— Esse fenômeno já vinha sendo observado. Havia o debate, nas décadas de 1980 e 1990, de que as famílias monoparentais femininas estavam aumentando a presença de mulheres na pobreza. Muitas vezes, esse aumento não estava ligado ao maior padrão de vida da mulher, e às vezes pelo contrário, estava ligado a um empobrecimento. Esse estudo mostrou uma novidade. A gente descobriu que o crescimento das mulheres chefes de família foi muito maior nas famílias de núcleo duplo, que é quando tem pai e mãe dentro da família — afirma o pesquisador.

As transformações culturais e redução de desigualdades na área de educação e no mercado de trabalho também afastam a ideia de que lares chefiados por mulheres estariam ligados a uma vulnerabilidade social. Inclusive a ideia de que a pobreza entre as mulheres estaria associada à presença do marido em casa, tese sustentada por setores mais conservadores.

— A gente sabe que as mulheres reverteram algumas desigualdades de gênero e reduziram outras. Na educação, elas superaram os homens em todos os níveis educacionais. Tem mais mulher no mercado de trabalho. Em termo de rendimento, elas reduziram a desigualdade. Então, de fato, esse crescimento das mulheres chefes de família nas famílias de núcleo duplo tem a ver, sim, com empoderamento, maior educação e maior participação no mercado de trabalho — aponta Eustáquio.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE CUIDADO

Para Maria Helena Monteiro, diretora de Ensino Técnico da Escola Nacional

de Seguros e coordenadora do estudo, aponta que a maior participação da mulher no mercado de trabalho influenciou o resultado.

— Eu costumo dizer que o homem da casa no século XXI é a mulher. Isso tem a ver com o avanço na educação, as mulheres estão competindo por empregos melhores — observa.

Ela lembra que há desafios na área de políticas públicas para que esse potencial seja totalmente alcançado. Em 2001, as mulheres gastavam 28,7 horas semanais em afazeres domésticos. Em 2015, eram 24,4 horas semanais.

— Acho que isso é muito mais pelo acesso à máquina de lavar roupa do que por uma maior participação do homem — destaca Maria Helena, ao lembrar da importância de políticas públicas para que essa economia do cuidado não sobrecarregue as mulheres. — O número de eleitoras no Brasil já é 7 milhões maior que o de eleitores. As mulheres são maioria e vão decidir as eleições em 2018. E surpreendentemente nenhum candidato faz qualquer menção à questão das mulheres. Há uma demanda por política pública, com cuidado com os idosos e crianças, por exemplo. O governo precisaria se preocupar em condições de cuidado que têm recaído sobre as mulheres e criado dificuldades.

Elas fazem parte de um grupo que cresce a cada dia no Brasil: as mulheres chefes de família

Gisele Regina Correia, 43 anos, trabalha como subencarregada em um escritório de contabilidade em São Vicente, litoral Sul de São Paulo. É casada com Wilson Roberto Pena, um ano mais novo, que atua como profissional autônomo na área da construção civil. Ela tem uma filha, Luana, 14, fruto de

seu primeiro casamento, e é uma das mulheres que ajudam a engrossar a lista do último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de 2010, que aponta que 40,9% das mulheres sustentam seus lares.

[\(O Estado de S. Paulo, 03/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Como a própria pesquisa aponta, mulheres provedoras de suas casas estão cada vez mais comum, e esta realidade também tem deixado de ser algo que possa causar desconforto entre o casal ou estremecer a relação.

Pelo menos é assim na casa da Gisele, que conheceu Wilson quando sua filha tinha quatro anos. Ela conta que desde o começo da relação sempre teve um salário maior, e que isso nunca foi problema para eles. “Acho que muita gente se importa com isso. Ele não se incomoda com o fato de eu ganhar mais, apenas fica chateado quando não consegue trabalho e as coisas ficam apenas por minha conta”.



Gisele entre o marido, Wilson, e a filha, Luana (Foto: Reprodução)

Aliás, esta não é a primeira vez que Gisele atua como provedora. Na época em que era casada com o pai de Luana, também ocupava este papel. Só que as coisas não caminharam muito bem e, contrariando as estatísticas, o relacionamento terminou justamente porque ele não aceitava o fato de ela ter um salário maior. “Ele não aceitava muito bem”.

Na atual relação, ela aponta os pontos positivos do companheiro, que além de ajudá-la com o que pode em termos financeiros, passou a ajudá-la em algo muito mais importante: na criação da filha. De acordo com ela, Wilson ocupa, verdadeiramente, o papel de pai na vida de Luana. “Ele cuida dela, faz almoço quando precisa, vai buscá-la na escola, leva para a aula de dança”. E completa: “no fundo, não importa quem ganha mais, apenas acredito que os dois precisam caminhar juntos, evoluir para chegar a algum lugar. Um sempre ajuda o outro e isso é o mais importante”.

Para o médico e psicólogo Dr. Roberto Debski, é muito importante que o casal, primeiramente, esteja tranquilo, confortável e de acordo com esta

situação para que não haja ressentimentos e mágoas que possam prejudicar a relação familiar. “Se este acordo familiar for benéfico e positivo para todos, terão um modelo e mapa de mundo mais amplo e abrangente para os filhos, que favorecerá o crescimento, trará novas experiências e vivências, além de enriquecer sua história de vida”.



O médico e psicólogo Roberto Debski (Foto: Reprodução)

Entre viagens e conference calls

Há um ano, Delma Bueno, 39 anos, decidiu mudar-se com sua família para a cidade de Sumaré, interior de São Paulo. Ela trabalhava como analista de sistemas em uma grande multinacional do segmento de tecnologia, sendo responsável por dar suporte para a América Latina na área de educação. Seu marido, Douglas Pavani, 40, fazia trabalhos como fotógrafo freelancer. Desde que ela teve a filha, Sofia, 2, tudo ficou diferente e a vontade de criar a pequena em uma cidade mais tranquila só crescia a cada dia.

Foi então que ela fez um acordo com a empresa e conseguiu ser transferida para trabalhar no esquema de home office. Como ela sempre teve o maior salário da casa, o marido não pensou duas vezes e embarcou no desejo de Delma. “Ele foi uma das pessoas que mais me apoiaram quando decidi mudar. Eu fui empregada e, para ele, foi um grande desafio. As coisas foram se encaixando, mas não é algo linear, não é todo dia ou toda semana que ele tem algum job”.

Vinda de uma família em que o provedor era o pai, ela conta que para os mais velhos ainda é um pouco difícil entender o que eles chamam de “papéis invertidos”. Ela conta que desde que começou a namorar com Douglas já possuía um salário maior e que isso nunca foi problema para eles. “Sempre tive a consciência de que seria a provedora, mas sempre soube que poderia contar com ele para qualquer coisa. Como sempre quis minha independência, ter a responsabilidade financeira da casa não pesa”.

Delma conta que as responsabilidades de cada um estão muito bem definidas. Quando estava grávida, por exemplo, teve algumas complicações e não podia

fazer nenhum tipo de esforço. Na ocasião, Douglas ficou desempregado e pôde dar todo o suporte a ela. Depois, quando retornou da licença-maternidade, ela diz que ele a ajudou muito. “Me deu tranquilidade para voltar ao trabalho”.



Delma, Sofia e Douglas (Foto:
Reprodução)

Ela conta que, após a chegada de Sofia, teve de fazer duas viagens a trabalho para fora do País. “Tive de contar 100% com ele para poder ir tranquila”.

Como trabalha de casa e atende clientes de toda América Latina, Delma vive entre conference calls e diz que nos dias em que, eventualmente, Sofia não tem aula na escola, o marido se responsabiliza para que ela possa dar sequência à sua rotina de trabalho. “Mesmo eu tendo um salário maior, meu marido não é dependente de mim. Ele tem como fazer as coisas dele, se manter”.

Em seu modo de ver, há uma grande diferença numa relação em que a mulher é quem ganha mais para aquela em que a mulher é a única que ganha. “Quando o marido não tem uma posição diante da família, seja financeira ou com apoio, aí a coisa começa a complicar. Quando todos estão na mesma sintonia, as coisas fluem naturalmente, é motivo de orgulho para a mulher poder ajudar”.

Para finalizar, Delma diz que se sente completamente feliz, realizada profissionalmente, com um marido ótimo e uma filha linda. “Temos uma vida tranquila, conseguimos nos manter com certos privilégios como passeios, jantares, viagens. Me sinto feliz e realizada em proporcionar tudo isso para a minha família. Me sinto orgulhosa do que consegui construir na minha vida, não sinto peso. No geral, é muito satisfatório”.

O Dr. Debski acrescenta que a necessidade de que as mulheres trabalhem para somar na renda familiar, além de cumprir seus próprios valores e projetos de vida, vem se tornando mais comum. “Várias famílias têm a mulher como a provedora principal e, por vezes, a única, enquanto seu

companheiro se encarrega de outras funções como cuidar da casa, dos filhos. Conseguir equacionar esta realidade vem sendo questão muito importante para que as pessoas mantenham suas vidas e famílias saudáveis”, comenta o médico e psicólogo.